

Haroldo Hollanda

As pressões sobre Sarney

"Sarney, ou você se arrisca ou será riscado do mapa", advertiu ao presidente da República um dos seus colaboradores mais íntimos, numa conversa franca mantida entre ambos a respeito da gravidade da situação política vivida atualmente pelo país. Há poucos dias, um conselheiros presidencial queixava-se de que Sarney sofre dois tipos de pressões irresistíveis: de um lado, os militares, de outro, o PMDB.

A esquerda do PMDB, pela voz de parlamentares como João Hermann, Cristina Tavares e Domingos Leonelli, protesta contra os acontecimentos de rua de ontem em Brasília, nos quais viram grave ameaça ao funcionamento da Constituinte. Mas mesmo alguns liberais, como o senador Hugo Napoleão, da Frente Liberal, ficaram assustados com as agressões que teriam sido praticadas por policiais contra parlamentares.

Há quem veja na repressão simultânea em Brasília contra bancários em greve e numa passeata organizada ao entardecer de ontem no Rio de Janeiro uma nova e dura postura que o governo resolveu adotar frente aos acontecimentos. O deputado paulista Roberto Cardoso, ligado ao Planalto e aos conservadores, do PMDB, é de opinião que só agora o governo começa a tomar pé. "Não se governa — segundo a áspera lição de Cardoso Alves — a não ser com um prato de pirão numa mão e a borduna na outra".

O que causa maior apreensão em todos os círculos, segundo constatação geral entre políticos do PMDB e de todos os demais partidos, é que o governo não tem rumo nem um programa econômico a cumprir. Age mais por espasmos do que dentro de uma estratégia coordenada.

"Está de vaca não reconhecer bezerro", diz o senador piauiense Hugo Napoleão, da Frente Liberal, atônito como tantos outros políticos com o que se passa a sua volta. Há depoimentos de políticos da Frente Liberal, segundo os quais o ministro Marco Maciel, do Gabinete Civil, demonstra seu total desencanto com o rumo dos acontecimentos.

O deputado maranhense Cid Carvalho, ligado aos grupos de centro-esquerda do PMDB, revela-se inquieto há vários dias. Hoje ele promete fazer discurso de advertência à classe política, sintetizando-o numa só frase: "Lembrai-vos de 64". O deputado comunista Fernando Santana, da Bahia, curtido por longa experiência, ao referir-se aos incidentes de rua registrados ontem, pediu a todos moderação, tendo em vista os ingredientes perigosos da presente crise.

Ministro e fuzível

Anteontem, à noite, na casa do deputado Ulysses Guimarães, houve encontro prévio e informal da reunião de ontem da Executiva Nacional do PMDB. Os que dentro da Executiva Nacional do partido lutam pela substituição do ministro Dilson Funaro celebraram como uma vitória a rejeição de um dos dois documentos preparados pelo senador Severo Gomes e que contava com o respaldo do deputado Ulysses Guimarães, versando sobre a situação interna brasileira.

Acabou prevalecendo apenas o segundo documento de solidariedade ao ministro Funaro e ao governo no que tange à decretação da moratória. A propósito, no curso da reunião de anteontem da Executiva Nacional do PMDB, realizada na casa de Ulysses, o deputado Roberto Cardoso Alves fez o seguinte e jocoso comentário sobre a substituição do ministro Funaro: "Ministro é como fuzível: quando queima precisa ser substituído, a fim de não provocar curto-circuito e incêndio em toda a instalação elétrica".

Na reunião da Executiva do PMDB, o deputado Francisco Pinto queixou-se dos métodos imperiais adotados pelo seu presidente, deputado Ulysses Guimarães, na condução do partido e nas decisões por ele adotadas. Lembrou que Ulysses freqüentemente convoca à sua casa um grupo de amigos seus e toma decisões sem que os integrantes da Executiva sejam consultados.

Novos conflitos

O grupo político do PMDB mais identificado com o Palácio do Planalto ameaça virar a mesa nas eleições de presidente e vice-presidente previstas para hoje nas nove comissões da Constituinte. O grupo continua a revelar insatisfação com os critérios adotados pelo líder Mário Covas no preenchimento das comissões da Constituinte. O governo está preocupado com o rumo político a ser imprimido em comissões de vital importância na elaboração da nova Constituição, como a de Sistematização, a da Organização do Estado, a de Organização dos Poderes e de Sistema de Governo, a da Ordem Econômica e a que trata da Organização Eleitoral, Partidária e Garantia das Instituições. Esta última irá cuidar de assunto político polêmico, relacionado com o papel das Forças Armadas.

O governo, segundo reconhecem suas principais lideranças, tem hoje suas bases no PMDB assentadas sobre alguns estados-chaves, como Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, parte do Paraná e regiões Norte-Nordeste, exceção feita apenas aos estados de Pernambuco e Bahia.

Pimenta, o alvo

O deputado mineiro Pimenta da Veiga, ao lado do senador Fernando Henrique Cardoso e do deputado Bernardo Cabral, forma o elenco de nomes mais cotados para exercer a função de relator-geral da Comissão de Sistematização da Constituinte. Mas os deputados mineiros ligados mais de perto ao governador Newton Cardoso voltaram a fazer restrições ao nome de Pimenta, tendo em vista a posição por ele assumida na sucessão governamental do seu estado. O deputado Fernando Lyra é outro que se opõe às pretensões de Pimenta. Quer dar o troco em Pimenta, que contra ele se colocou na disputa pela presidência da Câmara.

Contra

O governador Waldir Pires, da Bahia, chega hoje a Brasília para uma audiência amanhã com o presidente Sarney. Vem pedir mais uma vez a cabeça do ministro Antônio Carlos Magalhães.